
Teorias da Comunicação sob ataque: a reificação da crítica da Escola de Frankfurt e dos Estudos Culturais na guerra ao marxismo cultural¹

Leonardo Ribeiro dos Santos²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O artigo analisa como narrativas da guerra cultural manipulam e distorcem Teorias da Comunicação através do fantoche do marxismo cultural, uma teoria da conspiração difundida por grupos conservadores e pela extrema direita em vários países. Estas narrativas estão intrinsecamente ligadas a projetos autoritários e ao crescimento do extremismo em vários países, mobilizando discursos de ódio e a desinformação de uma suposta ameaça comunista. A partir do conceito de reificação, analisaremos técnicas de manipulação da crítica teórica da Escola de Frankfurt e dos Estudos Culturais usadas para apresentar as teorias da conspiração do marxismo cultural como um discurso científico.

PALAVRAS-CHAVE

Guerra cultural; marxismo cultural, Teoria Crítica, reificação, Estudos Culturais

A GUERRA CULTURAL E OS DESAFIOS PARA A COMUNICAÇÃO

O legado teórico da Escola de Frankfurt e dos Estudos Culturais sobre conceitos como cultura e ideologia está sob ataque na guerra declarada por grupos conservadores e pela extrema direita ao marxismo cultural. A expressão, definida por vários autores como uma teoria da conspiração, se popularizou com um recurso de propaganda política na guerra cultural. Através dessa expressão, ideólogos da extrema direita passaram a relacionar todos os males da civilização ocidental a uma suposta influência de autores marxistas de vários campos. Não importa a distinção de linhas teóricas. Todos aqueles que mergulharam na análise do conceito de cultura sob influência do marxismo clássico ou do pós-marxismo passaram a ser definidos como marxistas culturais, sejam eles

¹ Trabalho apresentado no GP 32 Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA); mestre em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) na linha mídia e mediações socioculturais; estudante de bacharelado em Sociologia na Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: trilhavirtual@hotmail.com

gramscianos, adeptos de fundamentos da Escola de Frankfurt ou ainda dos Estudos Culturais britânicos.

Estas narrativas atacam uma ampla base de conceitos, usando a imagem simplificada do marxismo cultural. As narrativas associam estas correntes de estudos ao politicamente correto, à doutrinação ideológica, à subversão e à defesa de regimes totalitários, sempre atribuídos à esquerda, orbitando em torno do comunismo e do socialismo. A partir deste repertório, as narrativas articulam, de forma frequente, uma reação a governos progressistas, ao multiculturalismo, ao aborto, ao ativismo, à ideologia de gênero, à crítica à opressão no sistema capitalista e a pautas de identidade em temas como feminismo e racismo. Geralmente, estas narrativas têm como base o argumento de que teóricos da Escola da Frankfurt e Antonio Gramsci, na mesma época e em contextos regionais distintos, fundaram uma linhagem do marxismo que tinha o objetivo principal de destruir a cultura e os valores da civilização ocidental para implantar o comunismo. Este enredo afirma que a civilização ocidental, as religiões judaico-cristãs, a família tradicional, a liberdade e a própria democracia estariam sob ataque.

Essa é uma questão fundamental para compreender como as narrativas e a propaganda política de projetos autoritários da extrema direita têm propagado o medo de uma suposta ameaça comunista para obter um amplo apoio eleitoral com forte e persistente coesão social em vários países. Há duas contradições que precisam ser investigadas. A primeira passa pela análise de como uma teoria da conspiração consegue se legitimar perante o público leigo se disfarçando como discurso científico, atacando e distorcendo teorias da comunicação, diante de um amplo espectro social. A segunda contradição passa pela seguinte questão: estas narrativas dizem supostamente defender o conceito de liberdade, quando na realidade, dão suporte a projetos políticos autoritários que restringem o pluralismo político e a liberdade dos cidadãos (ROCHA, 2021).

É fundamental observar como a guerra cultural mira não os conceitos originários do marxismo, mas o desenvolvimento de teorias em vários campos ao longo de décadas a partir da obra marxiana. Para analisar estas questões, a pesquisa recorrerá ao método de investigação de análise de discurso através da abordagem qualitativa, de caráter exploratório. O artigo recorrerá a um conceito marxista para compreender as técnicas de manipulação e subversão da verdade das narrativas da guerra cultural: a reificação. O conceito descreve como a esfera ideológica é um campo de disputas essencial que envolve a consciência e a percepção do mundo real, a apreensão da própria realidade pelo ser

social, muitas vezes levando o indivíduo ou um grupo de indivíduos a agir de forma contraditória a seus próprios interesses.

Segundo Schroyer (1973), em períodos de crise do capitalismo, as necessidades humanas não reconhecidas da sociedade são realocadas como as questões mais decisivas. A pretensão ideológica de “leis naturais” com o objetivo de desenvolvimento é, nesses tempos, exposta. Quando a necessidade humana básica reaparece, a capacidade do sistema capitalista de sobreviver depende tanto em identificá-la quanto em bloquear que a população reconheça a contradição existente entre suas próprias necessidades e a lógica do capitalismo. A afirmação está no livro *A Crítica da Dominação – as origens e o desenvolvimento da Escola de Frankfurt*, lançado em 1973 nos Estados Unidos.

O escritor, filósofo e crítico literário australiano Russell Blackford afirma que o livro trouxe uma das primeiras aparições do termo marxismo cultural mapeadas até agora. O sexto capítulo desse livro tem o título “Marxismo Cultural – as contradições da racionalidade industrial”. Blackford (2015) afirmou não ter dúvida de que “existe um fenômeno ou uma combinação de fenômenos que podem ser legitimamente designados como marxismo cultural. Ele enfatizou que alguns historiadores e pesquisadores têm identificado o termo de maneira frequente. No entanto, segundo o filósofo, o marxismo cultural sustenta em seu senso acadêmico apenas uma leve semelhança com a usual e “semiconspiratória ideologia de fim do mundo” mobilizada, por exemplo, por terroristas que mencionaram o marxismo cultural para justificar seus ataques.

Schroyer (1973) se referia à abordagem adotada pela Escola de Frankfurt como marxismo cultural numa acepção que não é apresentada de forma pejorativa, nem condenatória. Schroyer afirma que uma nova forma de teoria da crise gradualmente desenvolvida no início do Século XX poderia ser estendida tanto às sociedades industriais capitalista e socialista. Sugerida por Georg Lukács e adotada pela Escola de Frankfurt, essa teoria apontava ao mesmo tempo uma crise única do desenvolvimento da sociedade industrial e o perigo que ela implicava para a subjetividade humana. Com o desenvolvimento das sociedades industriais, o indivíduo se tornaria mais integrado e mais dependente da coletividade. Apesar disso, seria menos hábil para utilizar a sociedade para sua própria expressão.

Schroyer afirma que teóricos como Lukács, Marcuse, Habermas, Lefebvre, entre outros, enfatizaram a combinação da dependência forçada, manipulação cultural e o crescimento do poder político que derivam da dinâmica da sociedade industrial tardia.

Schroyer descreve a influência de Lukács: a tese mais significativa desse autor, desenvolvida a partir de debates com seus professores Georg Simmel e Max Weber, é a imagem da racionalização como um princípio fundamental para o processo de reificação capitalista. Em vez de ver o processo de racionalização como extensão neutra e progressiva da institucionalização do racionalismo ocidental, Lukács relaciona esse processo à divisão de classes do trabalho no capitalismo e, então, à reificação. Nessa perspectiva, o processo de burocratização é visto como o processo de adaptação de todos os modos de vida, trabalho e consciência às demandas de premissas socioeconômicas do capitalismo econômico. Assim, a natureza do tipo de racionalização do capitalismo gera sua própria negação interna. Seu formalismo extremo o torna mais vulnerável.

Segundo Schroyer, os horizontes fechados do mundo industrial determinados pela dinâmica da reificação são bem traçados pela crítica cultural da Escola de Frankfurt. Ele afirma que os estudos de Horkheimer, Benjamin, Fromm, Adorno, Neumann, entre outros, documentaram a reificação em correntes da filosofia, teoria social, artes, música, literatura e na sua institucionalização na família, no Estado e na esfera da subjetividade humana. O historiador diz que boa parte da crítica da Escola de Frankfurt é dedicada à análise da cultura da sociedade industrial tardia e mostra como o indivíduo é aprisionado pelas supressões e negações da moderna cultura de massa.

Nesta exposição, é necessário revisitar de forma mais detalhada a compreensão teórica que Schroyer apresenta ao mencionar o marxismo cultural para compreender como esses argumentos centrais serão atacados posteriormente na guerra cultural, o que ocorreu, por exemplo, no livro de Minnicino (1992), e também por Olavo de Carvalho (2002) no Brasil. Minnicino (1992) disse que a maioria da população estava perdendo a capacidade cognitiva de transmitir para as próximas gerações ideias e métodos nos quais a “nossa” civilização foi construída. A perda dessa habilidade seria um indicador primário de que a civilização estava voltando para uma nova “Idade das Trevas”. Nesse enredo, Michael Minnicino responsabilizou os autores da Escola de Frankfurt como os criadores dessas graves ameaças. “A tarefa da Escola de Frankfurt era, primeiramente, destruir o legado judaico-cristão através da abolição da cultura (...) em segundo lugar, determinar novas formas culturais que ampliariam a alienação da população através da criação de um novo barbarismo” (MINNICINO, 1992). Ele afirmou que se reuniram em torno desta tarefa não apenas comunistas, mas também socialistas sem partido, fenomenologistas

radicais, sionistas, freudianos renegados e um pequeno número de membros que se identificavam como “Culto de Astarte”.

A crítica da reificação de Lukács, que influenciou a Teoria Crítica, foi subvertida e passou a ser representada como uma ameaça à civilização ocidental à cultura judaico-cristã. O que era uma discussão teórica formal se transformou posteriormente em um fantoche manipulado por campo ideológico oposto. Inicialmente, esses temas começaram a mobilizar debates públicos nos Estados Unidos no final da década de 1980 (HUNTER, 1991). Somente, no início dos anos 2000, os ideólogos da guerra cultural passaram a articular a agenda em torno do marxismo cultural (ORTELLADO 2014, 2019).

As narrativas e os ataques dirigidos ao marxismo cultural buscam - a partir de distorções teóricas - subverter e implodir o pensamento dos autores da Escola de Frankfurt em um processo de ressignificação e apagamento que se assemelha ao processo de reificação denunciado por Lukács e pela Teoria Crítica. O significante do marxismo cultural representado pela depreciação desses autores e de suas ideias na guerra cultural assume não um caráter de crítica. Observando a proposta da Teoria crítica, podemos identificar outro objetivo em narrativas da guerra cultural que passam representar o marxismo cultural a partir de uma designação negativa. É a própria reificação da crítica frankfurtiana.

Na epígrafe desse capítulo, Schroyer traz uma citação de Theodor Adorno, um dos autores mais famosos da Escola de Frankfurt: “Não é que a ideologia por si só seja falsa, mas, em vez disso, a sua pretensão de corresponder à realidade”. Podemos observar que a ideologia é apresentada nesta passagem de forma negativa como um mecanismo de distorção da realidade, uma interpretação típica da Escola de Frankfurt e das primeiras correntes do marxismo. Esta noção difere daquela adotada posteriormente por Antonio Gramsci e pelos Estudos Culturais. Hall (2016) define a ideologia como uma forma de representação das ideias e de práticas sociais relacionada aos processos de busca e manutenção do poder, sem que haja necessariamente um vínculo com um grupo social específico. Logo não há uma ideologia, num caráter abstrato, e sim ideologias relacionadas à hegemonia. A própria definição de ideologia é um ponto de divergência entre as duas correntes teóricas. Sendo assim, representar a Teoria Crítica e os Estudos Culturais a partir de uma única imagem, o marxismo cultural, é uma proposta teoricamente inválida e insustentável, como vemos a partir da questão da ideologia.

Posteriormente, o marxismo cultural também foi utilizado para designar os Estudos Culturais Britânicos. Em *Cultural Marxism in Postwar Britain: History, the New Left and the origins of Cultural Studies* (1997), o professor e historiador Dennis Dworkin afirma desde o título que os Estudos Culturais constituem uma versão do marxismo cultural e uma tradição eclética de estudos multidisciplinares, de desenvolvimento não ortodoxo do marxismo crítico: “O campo se distingue por respeitar, simultaneamente, o potencial cultural subversivo das classes e grupos dominados e marginalizados e por uma aguda consciência das forças ideológicas nas sociedades.” (DWORKIN, 1997). Dworkin afirmou que era o primeiro pesquisador do campo da história a conceber o marxismo cultural como uma tradição intelectual não limitada a uma disciplina ou a um autor.

Segundo Dworkin, a demarcação geográfica e temporal de evolução dos Estudos Culturais tem uma conjuntura específica: estudos produzidos no Reino Unido de meados da década de 1940, a partir da fundação do estado de bem-estar social até sua transformação por Margaret Thatcher no final dos anos 1970. O historiador afirma que os Estudos Culturais ajudaram a superar a dicotomia tradicional entre a alta e a baixa cultura, prevalente em discussões sobre mídia a partir da influência da Escola de Frankfurt, com um conceito ampliado de “terreno cultural”.

Segundo o historiador, os “marxistas culturais” estariam preocupados, acima de tudo, em redefinir a relação entre estrutura e agência, tomando como base o socialismo tradicional e a classe trabalhadora indústria, buscando articular novas formas de resistência com políticas socialistas na sociedade capitalista avançada. Dworkin apresenta uma detalhada descrição da abordagem metodológica e cronológica do desenvolvimento da corrente de estudos. Mas comete o equívoco de chamar os autores do campo de “marxistas culturais”, um termo que os próprios autores desta corrente de estudos não usavam para se autodenominar.

Dar atenção à fragilidade desta designação é importante pois a reapropriação das definições de Schroyer e Dworkin para o marxismo cultural é um dos elementos centrais das narrativas na guerra cultural. O historiador Sven Lütticken observa essa transformação de sentido no artigo “*Cultural Marxists like us*”:

A noção de marxismo cultural se transformou numa palavra de ordem da extrema direita para designar uma conspiração sinistra, idealizada pela Escola de Frankfurt para destruir a América, o Cristianismo e/ou os valores ocidentais.... Esse breve relato é apenas uma caricatura da teoria da conspiração do Marxismo Cultural, um termo que vou usar aqui para me

referir ao discurso, em vez do fenômeno que ele supostamente denota. (LÜTTICKEN, 2018)

As formas de designação dos autores destas diferentes correntes de pensamento também são importantes para analisar como as narrativas da guerra cultural passam a associá-los, a partir destas designações, a posições antidemocráticas, autoritárias e subversivas. Vemos mais uma vez a imagem de um fantoche. Tudo aquilo que se busca atacar na guerra cultural é taxado como marxismo, tudo é Teoria Crítica, tudo é gramscismo, tudo é o politicamente correto. Logo, tudo é também o marxismo cultural pela livre associação difundida por essas narrativas.

A crítica destas teorias, então, é subvertida em discursos que utilizam uma linguagem supostamente teórica. Por que é relevante analisar todas essas questões desvendando o novelo dos discursos do marxismo cultural? Porque é justamente o fio condutor dessas narrativas que implode aquilo que é essencial e relevante nas distintas abordagens destas correntes: a especificidade da crítica e as soluções propostas em cada linha teórica. Quando todas essas correntes teóricas são representadas pelo uniforme, pelo fantoche de um único inimigo, o marxismo cultural, atacar esse inimigo se torna mais fácil.

Não são apenas os conceitos de cultura e ideologia que estão em disputa. A crítica teórica e alertas feitas, por exemplo, por pensadores da Escola de Frankfurt sobre a ameaça do fascismo no pós-Segunda Guerra (ADORNO, 2020) também estão no alvo do apagamento promovido pelas narrativas da guerra cultural. São questões pertinentes para o tempo de crise das democracias atual. Revisitar com atenção os elos e as fronteiras dessas correntes teóricas distintas é uma ferramenta relevante para desvendar as distorções, manipulações e desvios promovidos pela guerra ao marxismo cultural. Este pode ser um dos principais antídotos contra aquilo que a guerra cultural tenta implodir e apagar através do fantoche do marxismo cultural. Há uma alegoria útil: a guerra cultural lança várias correntes de pensamento dentro de um liquidificador para apresentar a embalagem do marxismo cultural para o público leigo. Decodificar, desfragmentar, reconstituir o que sai desse liquidificador e observar os pilares originais das teorias trituradas pela máquina da guerra cultural é um desafio para vários campos do saber, inclusive para a comunicação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Aspectos do novo radicalismo de direita (Tradução: Felipe Catalani). São Paulo: Editora Unesp, 2020.

BLACKFORD, Russell. Cultural Marxism and our current culture wars: Part 1. The Conversation, 28 jul. 2015.
Disponível em: <https://theconversation.com/cultural-marxism-and-our-current-culture-wars-part-1-45299>

CARVALHO, Olavo de. Do marxismo cultural. O Globo, 8 jun. 2002.
<https://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural/>

DWORKIN, Dennis L. Cultural Marxism in Postwar Britain: History, the New Left, and the Origins of Cultural Studies. Duke University Press, 1997.

HALL, Stuart. A ideologia e a teoria da comunicação. (Trad. Richard Romancini e André Ortega). São Paulo: Revista Matrizes, v. 10, nº 3, 2016. [1989]

HUNTER, James D. Culture Wars: the struggle to define America. Nova York: Basic Books, 1991.

LÜTTICKEN, Sven. Cultural Marxists Like Us. Afterall, nº 46, The University of Chicago Press Journals, 23 jul. 2018.
Disponível em: <https://www.afterall.org/article/cultural-marxists-like-us>

MINNICINO, Michael. *The New Dark Age: Frankfurt School and Political Correctness*. Fidelio Magazine, vol. 1, nº 1, 1992.
Disponível em: https://archive.schillerinstitute.com/fid_91-96/921_frankfurt.html

ORTELLADO, Pablo. Guerras culturais no Brasil. Le Monde diplomatique Brasil. 1º dez. 2014.
Disponível em: <https://diplomatie.org.br/guerras-culturais-no-brasil/>

_____. Miragem conservadora produz 'gramscismo de direita'. Folha de S.Paulo, 12 mar. 2019.
Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2019/03/miragem-conservadora-produz-gramscismo-de-direita.shtml>

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio. Crônica de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SCHROYER, Trent. *The Critique of Domination: The Origins and Development of Critical Theory*. New York: George Brazzilier, 1973.